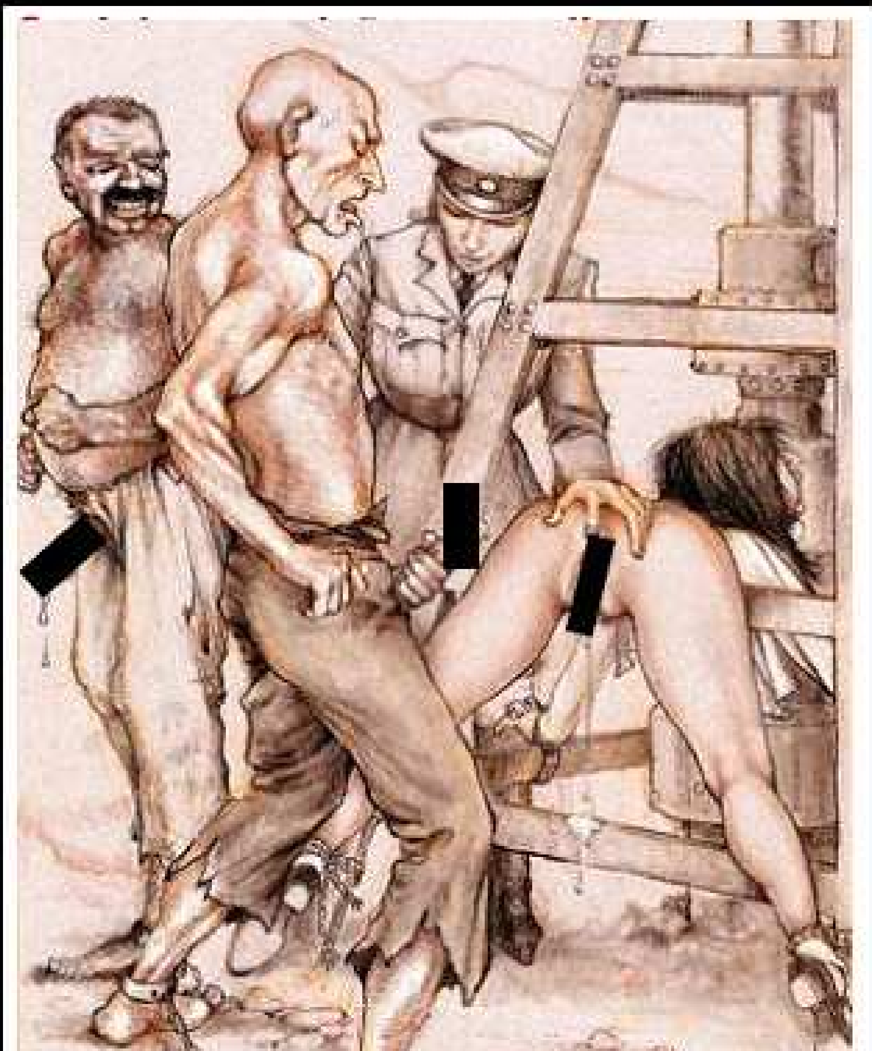
Petala Parreira:
Sozinha
na prisão masculina



Petala Parreira

Sozinha na prisão masculina

Novo escândalo no Brasil: Jovem nua mantida por um mês na prisão masculina

Vila Velha, ES

2015

“Se uma menina jovem é estuprada mais de 500 vezes ela para de ser ela mesma e vira puta do quem é responsável pelos estupros. Se sente escrava, objeto e propriedade dele, deixa de ser pessoa e vira mercadoria. Meninas liberadas de tão martírio voltam muitas vezes voluntariamente para o seu seviciador depois de serem liberadas porque a escravidão virou normal para elas e é a maneira de viver que elas conhecem e dominam.”

(Ceyla de Wilka)

Cada ano se descobrem casos, em que meninas e mulheres jovens presas pela polícia são trancadas em cela com homens, normalmente como única moça entre vinte ou mais rapazes e homens sedentos e famintos de corpo de mulher. Algumas jovens passam só um dia nessa situação perversa, outras semanas ou até meses. Alguns casos chegam a serem públicos e passam por jornais ou até pela televisão. A justiça tem conhecimento de dez ou quinze casos por ano. Mas presume-se que a maioria dos casos nunca é descoberta, porque as meninas não falam por medo e vergonha e os policiais, agentes e também os próprios presos se ajudam com testemunhos falsos. Por isso muitos calculam que no mínimo umas 50 meninas e moças por ano são obrigadas a ficarem em celas masculinas. Elas sofrem humilhações, estupros em massa, prostituição forçada, violência física e psíquica, doenças e gravidezes indesejadas.

Com a ajuda da Comissão dos Direitos Humanos e da Organização Piranhas para Jesus uma jovem, que foi abusada por dez dias em uma quantidade absurda e desumana foi entrevistada e contou toda a sua passagem

pelas mãos de inúmeros presos e também agentes cruéis, perversos e impiedosos:
“Esperei por mais de três horas em uma cela muito suja, com o vaso no meio dela totalmente entupido, antes de ser chamada. Foi levada a uma sala onde me fizeram perguntas, mas não respondi. Sabia muito



bem por que fui presa, porque me flagraram feio, vendendo drogas a um policial de paisana. Burrice minha, mas fazer o que…

Por isso fiquei calada, sabendo que com 17 anos era ainda menor e não poderia ser presa por muito tempo. Muito menos em uma prisão normal. Eles perguntaram se fui já presa antes. Nunca fui presa, só comecei essa coisa com as drogas por causa de meu primo. Mas não respondi a eles.

Aí um deles falou que eu poderia sofrer muito se não cooperar, mas eu não respondi. Aí ele falou para me investigarem e eles me tiraram as roupas. Não me defendi, porque eram muitos policiais e não queria ser batida. Depois eles me investigaram e perguntaram se eu fosse ainda virgem. Quando não respondi me deitaram nas costas e verificaram se estivesse ainda com meu cabaço. Quando repararam que estava sem, perguntaram se eu já fiz programa. Não respondi e eles me colocaram em pé e me mandaram me curvar para expor meu cuzinho. Mandaram abrir as nádegas e eu obedeci porque pensei que poderiam bater em mim. Um policial vestiu uma luva de

borracha e enfiou um dedo. Ele ficou por muito tempo em mim, talvez uns cinco minutos, conversando com os colegas sobre meu cuzinho e socando nele, e eu fiquei com muita raiva dele, mas não disse nada. Finalmente perguntou se eu sei chupar. Não respondi e ele socou mais forte no meu cuzinho. Perguntou de novo, e quando não respondi, me deu um tapa forte na bunda. “Responde, sua puta, ou vai ganhar mais.”

Fiquei com raiva que ele me chamou puta, porque não sou, e em toda a minha vida só dormi quatro vezes por dinheiro com homens. Com raiva respondi: “Sei chupar melhor do que o senhor.”

Eles gostaram dessa resposta e falaram: “Mostra.”

Não me defendi, quando o cara tirou seu dedo do meu cuzinho e se colocou na minha frente. Ele esperou e finalmente disse: “E aí, não vai mostrar a sua capacidade? Abre minha calça e chupa, menina.”

Abri a calça dele, e puxando o pau com os dedos para fora ele já endureceu. Enfiou-o até a metade em minha boca e mordi com toda a força.

Ele gritou e fiz um pulo, mas eu fiquei presa nele e não soltei. Começou a bater em mim, mas só quando me deu um soco tão forte na cabeça que vi escuridão e estrelas, não consegui mais manter a boca fechada e soltei-o.
Eles me seguraram querendo bater mais em mim, mas sangrei do nariz e aí eles pararam. O cara machucado parou de uivar e gritou: “Você vai se arrepender, sua puta, vai se arrepender!” e em seguir falou baixinho com uns colegas antes de sair para ser levado para um hospital.
Só me deram minha blusa de volta, mas em lugar do shortinho me deram uma saia curta, que buscaram do depósito, e também não me deram minha calcinha. Assim me levaram para outro corredor da prisão municipal, e ao fundo dele abriram uma porta e me empurraram em uma cela maior.
A luz dela era desligada, só um televisor estava aceso, e por isso reparei só uns segundo depois as pessoas deitadas nas camas e em parte no chão. Já era noite, e algumas já dormiram. Eram homens, e não consegui enxergar mulher nenhuma. Comecei

semelhantes.

Mas não se precisava desse incentivo, foi o que os homens já planejaram antes. Foi fácil para eles tirar minha saia. O que é sempre mais difícil é tirar um shortinho ou uma calcinha, mas eu não possuía mais essas peças. Mesmo assim me defendi quando tiraram minha camisa, para ganhar tempo. Esperei que os policiais fossem reparar seu erro e me buscar. Mas recebi um tapa forte e um homem gritou: “O que é que se quer, puta? Anda sem calcinha, então é puta. E puta é para abrir as pernas, né?”

Quando fiquei nua eles me deitaram no chão e um depois do outro me estuprou. Vinte e quatro homens. E quando o último estava pronto comigo, os primeiros foram novamente cheios de tesão e assim eles me estupraram a noite toda sem parar.

Cedo da manhã chegou um café e um pãozinho para cada um. Não quis comer nada, deitei esgotada e suja no chão, esmagada e quebrantada e mesmo em toda essa fraqueza revoltada, mas eles me levantaram, colocaram em baixo do chuveiro frio e sujo, e depois me fizeram beber o café

e comer o pão. Falaram “Quem trabalha deve também comer.”
Fiquei nua o tempo toda e pediu a minha roupa, mas eles pediram para eu continuar nua para eles e começaram novamente a me apalpar, ainda quando nem acabei meu café, porque mastiguei lento para ganhar tempo. Mas não adiantou. Eles me colocaram em pé, me seguraram e me abriram com as mãos nos dois lados. Outros amassaram meus peitos.
Por volta de dez horas chegaram três policiais e me chamaram. O rapaz que transou comigo nesse momento, me soltou assustado, e eu fugi logo. Os policiais perguntaram por que eu ficava nua e se eu pretendia seduzir os presos ou os policiais. Falei: “Fiquei nua porque vocês me trancaram junta com esse bando de sujeitos perversos.”
Eles mandaram para eu me vestir, mas não achei minhas roupas, e então eles me algemaram e levaram nua. Quando passei em frente das outras celas, homens se agarraram nas grades como macacos e uivaram como cachorros. Comecei a alargar os passos, mas os policiais que me seguravam andavam muito lento.

Levavam-me para a sala do dia anterior e perguntaram se dormi bem. Respondi: “Vocês sabem muito bem. Me deixaram sozinha com esses perversos. Vocês são iguais a eles, uns porcãos.”

Eles se olharam: “Você ainda não aprendeu ser mais educada, menina? Olha em você mesma.”

Eles me colocaram em frente de um grande espelho. Vi como eu era suja, e a porra estava correndo da minha vagina pelas coxas para baixo, e também nos meus peitos e no meu rosto grudou porra. “Quem é aqui a porca?” perguntaram.

“Eu sou suja por sua culpa e sem querer, mas vocês são sujas porque têm a mente cheia de perversão. As cabeças cheias de merda e porra.”

Para eu não mais falar assim eles me amordaçaram. Depois buscaram outra saia e uma blusa sujas e me vestiram. Assim me levaram para o corredor e andamos até chegar a um consultório de médico.

Explicaram que eu fui presa na noite anterior com drogas. Explicaram que fui amordaçada por gritar e ofender gravemente os policiais

sem parar. O médico mandou para eles me desvestirem. Ao ver que estive sem calcinha perguntou se eu cheguei assim ou se perdi a calcinha já dentro da prisão. Já que eu não podia falar os policiais explicaram: “Ela está assim como foi presa na rua. Muitas putas andam sem calcinha, porque os clientes ficam com as calcinhas, ou elas perdem-nas quando transar no mato na escuridão, ou elas já saem assim da casa para serem mais competitivas.”

Investigou-me e comentou: “Ela não deve ser uma traficante profissional. É uma puta. Deve ter transada antes de ser presa com mais de dez homens. Tipo puta barata que se vende por pouco. Deve ter tentado melhorar a sua vida traficando também drogas, mas evidentemente é antes de tudo puta. A xoxota dela está avermelhada de tanto transar, e transou sem camisinha, igual às cadelinhas nojentas nas ruas, que se vendem barato. Conheço essa laia de puta. Não deve ser traficante não.”

Fiz movimentos e me torci para sinalizar ao médico que queria falar uma coisa, mas os policiais me seguravam e o médico me olhou e disse: “Ela é bem revoltada, né? Essas

cadelas são como moleques de rua, brigam, xingam que nem bêbados no barzinho e transam com cada um. No mês passado uma puta em Porto Alegre cortou a barriga de seu próprio cafetão com um gilete. Tomem cuidado com ela.”

“Pode deixar, nós cuidamos bem da putinha.”

Todos riram e se despediram.

De volta na sala me tiraram a mordaça. Logo aproveitei para protestar:

“Mentirosos! Vocês são mentirosos sujos e perversos.”

Eles riram na minha cara e um falou: “Ainda não aprendeu a sua lição? Parece que gostou dessa noite e quer voltar na cela, menina.”

“Seu filho de puta.”

Eles riram e falaram que deve ser estranho uma puta xingar alguém de ser filho de uma puta. Colocaram-me de novo na frente do espelho para eu me ver, suja e com roupa em trapos e perguntaram, se eu realmente achava que foram eles que são sujos e exigiam para eu pedir desculpas pelas ofensas proferidas. Recusei-me, e insisti nisso apesar das ameaças deles, até que dois deles me pegaram e deitaram com a barriga por cima

de uma escrivaninha. Seguraram minhas mãos, abaixaram a saia, que caiu aos meus pés e me deram alguns açoites de cinto na bunda nua. Cada golpe me fez estremecer e senti uma chama quentíssima em minha bunda. Mas quando pararam e exigiram de novo para eu me desculpar, mordi os dentes e não falei nada.

Por isso a tortura continuou. A chama em minha bunda cresceu com cada golpe cruel e tomou conta de meu corpo inteiro. Gritei e depois comecei a gemer, mas não falei nada. Aí eles viram que assim não conseguiam nada e desistiram. Assim como era, só de camisa, com a bunda nua vermelha e em chamas, me levaram pelo corredor, onde novamente começou o mesmo espetáculo: homens agarrados nas grades como macacos loucos, uivando, gritando, assoviando e batendo com os pés.

Levaram-me de volta para a minha cela, apesar de que todos os outros me exigissem também. Os presos tocaram minha bunda quente e perguntaram: “Ai, como eles te trataram mal, putinha. Pelo menos foi tão

inteligente voltar para a gente. Nós te tratamos bem, te respeitamos.”

Mostraram-me uma sujeira no chão, onde fiquei deitada na noite, sendo estuprada por eles, e reclamavam de mim. Tive que limpar o chão assim sem saia, e depois me mandaram tomar banho com sabão e tudo. Obedeci não por ser obediente, mas tive mesmo vontade de limpar-me.

Mas não era por muito tempo. A água era fria, mas mesmo assim tentei estender o tempo, mas eles perderam a paciência e me tiraram do chuveiro e me secaram com uma toalha. E logo depois continuaram com os estupros.

Quando chegou o almoço, o rapaz, que estava em cima de mim, demorou até gozar, e quando me levantei não vi um marmitex sobrando para mim. Reparei então um rapaz, que já acabara o seu e estava abrindo outro. Reclamei que deve ser meu, e ele, sem jeito, não fez nada e eu peguei o. Mas mal comido dois colheres, um rapaz me pegou e me quis levar. Gritei para me deixar em paz. E quando ele recuou aproveitei para reclamar minha saia que se perdeu na noite. Aí um

homem declamou: “Gente, ela quer a saia, uma puta quer sua saia, me pergunto pra que uma puta precisa de uma saia.”
Todos riram, e o homem continuou: “Não sei onde ficou sua saia, mas vou te dar uma calcinha bem gostosa.”
Com isso me colocou uma mão na bucetinha e a outra atrás e apertou. Bati nele e gritei, mas os outros pegaram em minhas mãos e falaram: “Puxa, vai bater em seu benfeitor?”
O homem enfiou os dedos na frente e atrás e perguntou se eu não gostei da calcinha. Tentei me liberar, mas em vão, e ele socou em mim com os dedos, enquanto outras mãos pegaram em meus peitos e beliscaram meus mamilos e um começou a puxar em meu grelinho. Aí fiquei quietinha, fechei os olhos e esperei para tudo passar o mais rápido possível.
“Muito bem”, falou uma voz, “agora está acalmada.”
O rapaz me levou para a cama dele. Achei pelo menos um avanço não precisar deitar no chão.
Teve que dormir com uns dez rapazes em talvez duas horas, e depois vieram agentes

anunciar a hora do banho do sol. Pedi a minha saia, porque queria ir, pensando que alguém deve ver que aconteceu um erro, porque tinha uma menina entre os homens. Não podia acontecer que passaria uma médica ou agente feminina ou um homem reto e notaria o erro?

Mas não me deram a saia. Fiquei sozinha na cela e aproveitei o tempo para procurá-la, e achei-a em um dos beliches. Vesti-me e me deitei, e logo cai em um sono profundo.

Acordei, quando eles voltaram, me levantei e falei com o agente:

“Senhor, peço para ser levada urgentemente para uma cela feminina.”

Ele não respondeu, e eu repeti o pedido. Quando não reagiu exigi para poder falar com um advogado. Aí ele falou: “Hoje já passou o horário, não podemos mais fazer transferências. Quanto ao advogado, me anota o número dele e passa-o depois para mim para entrar em contato com ele.”

Com isso ele foi embora, e eu falei atrás dele: “O senhor pode me dar uma caneta e um papel?”

Mas em vez de uma resposta os rapazes me pegaram e puxaram para o fundo da cela para continuar com os estupros. Depois chegou o jantar, e novamente quase não consegui comer nada, porque eles não deram trégua.

A noite toda os estupros continuaram, e quando chegou o café da manhã, estive deitada novamente em um poço de sujeira. Eles me mandaram limpar o chão e tomar um banho, mas mal acabado com o chão chegaram três agentes, e entre eles uma mulher. Isso me deu uma esperança tão grande que meu coração começou a bater. Falaram:

“Se veste e vem com a gente.”

Não vi minha roupa e pedi aos presos para me devolverem minha saia e camisa ou a blusa do primeiro dia. Mas ninguém se mexeu. Gritei com eles, se eles não ouviram que o agente me mandou para me vestir, e quando não reagiram nem um pouco comecei a xingá-los.

“Viu, como ela é. Eu te falei”, falou um dos agentes à mulher. Aí corri para a grade e contei tudo a ela e pedi para ela me ajudar. Ela perguntou um homem, que talvez fosse o

líder da cela, mas este respondeu: “Essa menina chegou aqui suja e fedorenta, não quis tomar banho, transou com um monte de gente para ganhar biscoitos e suco e deixou uma sujeira e desordem muito grande. Nós todos cometemos algo, mas não somos moradores de rua. Não é bom deixar essas vagabundas com homens normais.”

Falei que não sou menina da rua nem puta, mas ela nem me deu atenção e perguntou ao homem:

“E cadê a saia então?”

“Sei lá, ela deve saber com quem transou. Que procure na cama do com quem transou primeiro.”

Expliquei que foram eles que me estupraram, e que foi no chão, e que então alguém deve ter levado e escondido minha saia. Contei que a encontrei outra vez numa cama.

“Foi que falei”, disse o homem. “Ela deve procurar na cama do com quem transou primeiro. Só ela sabe. Se ela tivesse transado no chão, a gente veria com certeza a sujeira.”

“Já limpei tudo, você sabe”, gritei.

“Se ela transou em uma cama, deve ter provas disso nos lençóis, né”, disse a mulher.

Mas logo o rapaz que me levara para a cama dele gritou: “Pois é, porque ela molha como uma fonte.”
Com isso ele trouxe o lençol dele com uma mancha, colocou o nariz e confirmou: “É o cheiro dela, pode crer.”
A mulher olhou os colegas e pensou. Depois ela falou: “Para não complicar a vida dessa menina… vamos fazer uma exceção e permitir que ela saia da cela sem roupa.”
Os policiais concordaram, mas eu gritei: “Não, quero minha roupa, mas os presos me empurraram ao corredor, onde fui algemada e levada.”
Levaram-me a uma sala, onde sentou um homem de paisana. Os agentes se sentaram. O homem reclamou que eu estive tão suja e que ele não queria que sentasse assim numa cadeira dele. Fiquei em pé e ele disse que faltaram algumas datas na minha ficha. Respondi tudo e depois renovei meu pedido de ser transferida, de ter a minha roupa de volta para poder participar do banho do sol e de poder falar com um advogado. Um dos agentes falou que já recebeu o pedido e que já foi atendido.

Falei que me disserem fazê-lo por escrito, mas que nem teria caneta e que ninguém dos homens me dá uma. O homem riu e falou que isso com certeza não seria assim. Além disso, uma menina como eu vive ganhando tudo de graça pagando com sexo.

“Se você lá fora transa com homens só para ganhar um pão, poderia transar também para ganhar uma caneta, se realmente fosse tão difícil ganhar uma e seria mesmo importante.”

“Não sou puta e não quero ser uma. O senhor não me pode dar uma de graça?”

“Nada é de graça, mas poderia emprestar uma, se me pedir por escrito. Manda um pedido simples através de um dos nossos agentes, e a gente vai ver se podemos te ajudar nisso.”

O homem mandou para os agentes me levarem, limparem e cortassem os cabelos, porque eles eram sujos e engrenados demais.

Levaram-me ao banheiro deles, algemada ainda, e eles mesmos me ensaboaram, passando o sabão e os dedos escorregadios de sabão com preferência entre minhas pernas, entrando às vezes levemente. Depois me

sentaram em uma poltrona grande e me cortaram os cabelos bem curtos. Comecei a chorar, mas eles não se importaram e abriram minhas pernas e levantaram as canelas para depilar-me, porque fiquei já quatro ou cinco dias sem me depilar. Não parei de chorar, e assim me levaram de volta para a minha cela.

Os homens não gostaram do corte e zombaram de mim, mas afinal de contas se interessaram mais para outras regiões de meu corpo e continuaram com os estupros. No almoço ganhei novamente só algumas colheres, e aproveitei para fazer xixi, que também era um constrangimento, porque o vaso é um buraco no chão mal separado do resto da cela por um muro baixinho. Todos que quiseram podiam me observar. Imaginei como seria o meu constrangimento se tivesse que fazer cocô em frente de todos. Teria que tentar fazê-lo na escuridão da noite.

Quando chamaram para o banho de sol, um rapaz me deu uma bermuda e uma camisa, e feia assim segui aos outros como se eu fosse um rapazinho.

Os homens das outras celas me circundaram logo e todos conversaram em uma confusão

danada comigo e por cima de mim. Aí me sentei e chorei de novo. Sob pretexto de me consolarem começaram a me apalpar. Teve em um cantinho um banheiro fedorento, para onde me levaram, e tive que abrir as pernas de novo. Todos os agentes nas torres viram, o que aconteceu, e ninguém me socorreu. Quando acabou tudo quis ficar deitada no banheiro. Talvez assim os agentes me descobrissem.

Não demorou e eles me acharam. Um agente bateu com o porrete no chão, e quando não reagi, ele bateu em minha coxa. Gemi e me levantei. Falei que fui estuprada, mas eles falaram: “Se fosse um estupro, teria gritado. Queria fazer um dinheiro extra, né, sua vagabunda. Desse jeito vamos cortar seu banho de sol.”

Disse que nem queria o banho se fosse desse jeito. Eles falaram que sou uma vagabunda agressiva e mentirosa e mereceria uma lição. Levaram-me a uma mesa em uma sala aberta, me deitaram com a barriga nela e me deram uma quinzena de cinto.

Toda amolecida me levaram de volta para a minha cela. Tudo continuou, mas no outro dia

não fii tomar banho de sol. Procurei e achei uma caneta e rasguei um pedaço de papel de uma revista de pornô, escolhendo um pedaço sem fotos. Escrevi o pedido de transferência, mas não sabia um número de um advogado e anotei o telefone de minha tia.

Quando os presos voltaram fiquei na grade e passei o papel ao agente, mas ele disse só: “Só amanhã” e desapareceu. Como poderia guardar meu escrito, se nem consegui ficar com minha roupa? Rasguei um pedaço de alumínio de uma marmita velho, embrulhei o papel e coloquei o embrulho na boca. Tive que ser rápida e sem ninguém perceber, mas tive sorte nisso de poder terminar tudo antes de eles me levarem para o fundo da cela.

O alumínio tem um gosto desagradável e atrapalha. Ainda bem, que a maioria dos presos nem se interessou para me beijar, mas alguns me beijaram e era difícil guardar o negócio bem escondido em um cantinho da boca. Uns dois ou três tive que chupar, quando a cela, cedo da manhã, ficou mais calma, e consegui isso também.



Pela manhã falei com o agente que acompanhou os rapazes, que trouxeram o café. Os rapazes começaram logo a fazer comentários sobre minha nudez, e um aproveitou e pegou no meu peito, sem o agente fazer nada. Disse para o agente que queria entregar uma carta, mas ele falou que iria levar-me mais tarde para o diretor. Aí

poderia aproveitar para entregar pessoalmente minha carta.
Os presos comentaram logo: “A putinha vai visitar o diretor, que privilégio. Deve tomar um banho e andar bem bonita.”
Bonita para eles era antes de tudo depiladinha, porque depois do banho me pegaram, abriram minhas pernas e dois rapazes me depilaram com giletes. Elas não estavam muito agudas, e doía um tanto, quando eles me rasparam. Os presos se divertiram muito com isso, e quando os agentes apareceram nem repararam logo na presença deles. Depois se desculparam e explicaram que me ajudaram para me preparar para a visita ao diretor. “Tá certo”, disse um agente e sorriu. Me algemaram e levaram.
Fiquei surpreendida, quando em lugar do diretor encontrou o agente a quem mordi no primeiro dia. Ele explicou que é o substituo do diretor, e que o diretor estava ausente. Ele queria saber se eu passava bem. Reparei logo a ironia dele e não respondi. Ele perguntou se me arrependi de ter mordido a ele. Quase falei logo de não, mas depois pensei que teria

que entregar meu escrito para ele. Por isso não falei nada e comecei a refletir sobre a melhor estratégia. Ele esperou um pouco, mas antes de eu achar uma resposta, perguntou: “Falaram que você escreveu uma carta. É verdade?”
Falei de sim e tirei o embrulho da minha boca e abri-o. Infelizmente o papel ficou úmido apesar do embrulho de alumínio. Sem outro jeito entregou-o. O agente leu e disse: “Você é uma menina rueira muito vil. Ouvi falar que você transou com um monte de gente na sua cela.”
“Transei com todos, mas contra a minha vontade. Fui estuprada o tempo todo.”
“Os presos devem ter outra opinião sobre o assunto. Que você seduziu a eles.”
“Eles me estupraram. Cê acha que uma menina acha gostosa deitar a noite toda no chão duro enquanto um após outro passa por cima?”
“No primeiro dia confiei em você. Mas agora sei que você não e confiável. Você falou que sabe chupar muito bem, eu confiei em você, mas foi um erro.”

Aí pensei que teria que mudar minha situação e falei: “Mas sou arrependida. Fí-lo porque estava com muita raiva e com medo da prisão. Por isso mordi sem pensar nas conseqüências.”
“Você está arrependida?”
“Estou.”
“Posso confiar desta vez em você?”
“Pode.”
“Então me mostra que posso confiar em você.”
Ele me deu um sinal para vir mais perto e depois mostrou ao chão. Ajoelhei-me e ele pegou a minha cabeça e colocou-a no seu colo. Acariciou meus cabelos curtos. Fiquei de repente toda amolecida e de repente senti um cansaço tão grande, que fechei os olhos. Nem entendi o que ele falou, mas depois de um tempo ele virou minha cabeça e entendi o que ele queria. Abri a calça dele e liberei o pau. O aspecto não era tão bom, minha mordida deixou um vestígio azul e roxo. Mas ele se levantou, abaixou a calça e disse:
Ainda não confio em você, tem que provar sua confiabilidade aos poucos. Por enquanto só te permito lambê-lo. Não o coloque na

boca. E lambe com amor, disso depende se vou atender ao seu pedido.”

Não tive escolha e lambei com muita dedicação, usando só a boca, porque estive ainda algemada. Pensei também que era de qualquer maneira melhor do que ficar na cela. Por isso tentei prolongar o momento. Não tive muita esperança que esse homem, que devia ter raiva de mim, me transferiria para uma cela feminina.

Mas depois de meia hora o homem gozou e se esvaziou por cima de minha face. Depois ele mostrou a parte pingada no chão e tive que lambê-la. Finalmente chamou os agentes.

Os agentes falaram que eu estaria de parabéns, porque meu pedido foi despachado e eu iria ser transferida. Passei o corredor, onde os homens se agarraram como sempre nas grades e uivaram e apitaram. Pararam em frente de uma cela grande com vários negros e alguns outros homens e me explicaram: “Foi transferida para essa cela.”

“Não”, gritei, “por favor, isso não. Por favor…uma cela feminina.”



Mas já senti um beliscão forte na bunda nua e pulei para frente e ouvi a porta atrás de mim ser fechada.

O Manda-Chuva nessa cela era um negro muito forte, e ele me pegou e perguntou: “Por que não queria ficar com a gente? Ficou tanto tempo com os outros, puta. E por que não com a gente?”

Já que não respondi disse que eu deveria ser racista, mas iria aprender a honrar os negros. Mandou-me ajoelhar em frente dele, e como em repetição da cena anterior colocou minha cabeça no colo para eu chupá-lo. Pensei em

fazer o mesmo como antes, prolongando o jogo, mas ele gozou rápido e em uma quantidade tão grande que não consegui ficar com tudo na boca, e a porra correu pelo meu queixo e caiu no chão. Logo ele me pegou na nuca e me fez lamber o chão. Depois ele me deitou sobre as pernas dele e me deu uma surra na bunda nua, que nem sei por quê. E ainda por cima me virou e me bateu algumas vezes na bucetinha. Chorei e implorei e ele me soltou e perguntou: “Aprendeu?”

Não sabia de que ele falou ou o que eu teria de ter aprendido, mas preferi responder de sim.

Ele respondeu: “Então tá bom.”

Ele me soltou e me passou para o próximo homem. Tive que chupar a todos, era o antepasto para eles, porque depois, numa segunda volta, fui estuprada por todos da cela, uns 25 homens. Eles exigiam sempre que me abrisse mais e mexesse também a bacia e a bucetinha, mas fui tão cansada que só abri as pernas ao máximo, deixando a eles entrarem fundo e deixando-os agirem à vontade. Quando todos acabaram me senti atordoada, as pernas formigavam e o cansaço

era insuportável. Eles falaram comigo, mas não entendi nada, ficando meio no delírio, mas eles me puseram de joelhos de novo e me fizeram chupar mais uma vez. Chupei com movimentos automáticos, sempre à beira do sono, e quando deslizei e a cabeça caiu, eles me acordaram com tapas na face. Não me lembro do resto, devo ter caído no sono mesmo assim, e quando mergulhei por uns segundos do esquecimento me achei deitada no chão, em forma de um X, e um homem estava em mim. Dormi mais e acordei só de vez em quando sem abrir os olhos, só sentindo os corpos em cima de mim, continuando com os estupros.
Os homens desta cela ouviram nos dias anteriores o tempo todo dos estupros na outra cela e morreram de inveja e excitação. Agora eram tão excitados que todos se esvaziaram quatro ou cinco vezes em ou em cima de mim.
Chegou o café, mas eles não me deram nada, porque quem estava na frente da fila não quis perder o direito em mim. Assim continuou o dia, e bastava para os homens observar meu sofrimento e fazerem comentários sujos, para

eles se excitarem cada vez de novo e produzirem porra nova para mim. Cada homem precisava de uns dez minutos, e assim cada homem teve que esperar sempre umas quatro horas até chegar a sua vez.

Passei o dia todo meio atordoada. De vez em quando eles me colocaram de joelhos e chupei, mas nem olhei para cima para ver a face do cara. Preferi nem saber, quem era. Chegou o almoço, e novamente ninguém me deu nada, fiquei o tempo todo no chão com as pernas abertas, sempre formigando por sendo fixadas assim pelos corpos pesados dos criminosos, e eles se revezaram sem parar. O mesmo aconteceu no jantar. Chegou outra vez uma noite, e os estupros não diminuíram. Adormeci e acordei algumas vezes, sempre sentindo um corpo em cima de mim, e nem abri os olhos, porque nem queria saber quem era.

Cedo da manhã, ainda no escuro, acordei definitivamente e tive que assistir à continuação desses estupros sem parar.

hegou o café, mas meu pãozinho ficou de novo para os outros, que, segundo eles, precisavam de muita energia para satisfazer-

me, e depois de algumas horas ouvi meu nome. Eram os agentes, que me chamaram.
Não consegui fechar as minhas pernas e elas formigavam tanto que nem consegui ficar em pé. Pareciam uns trapos úmidos. Os presos me colocaram em pé e empurraram para a porta, mas teria caído se os agentes não me tivessem pegado com mãos firmes. Arrastaram-me pelo corredor, e novamente ouvi os gritos de homens nas celas. Eles uivaram como doidos, mas ouvi também palavras como “puta” e um homem gritou até “acabam com a puta”.
No quarto deles seguraram-me na frente do espelho e assustei como eu era suja. O corpo todo cheio de porra, até nos cabelos. Comecei a chorar para mostrar minha aflição, mas eles não ligaram e perguntaram: “Como uma menina pode ser tão suja e tão vil.” Eles me bateram com as mãos e também algumas vezes com um cinto.
Lavavam-me no chuveiro e mandaram-me para o agente mordido por mim no primeiro dia. Chupei-o com toda a dedicação para ele me perdoar e pedi depois uma cela feminina. Ele disse que só ganharia uma se mostraria

todo o meu arrependimento. Perguntei como poderia mostrá-lo mais ainda, e ele disse que eu deveria chupar todos os agentes. Disse que iria fazê-lo, e ele me liberou. Os agentes me levaram de volta à cela. Quando reparei que voltaríamos gritei logo: “Não, não, vou fazer de tudo o que vocês querem, mas não me deixam com eles.” Mas os agentes me deram uns tapas e me forçaram para entrar na cela onde os rapazes me deram mais um dia e uma noite horrorosa.

Às cinco horas da manhã o negão, que era líder entre os presos da cela, acordou e esperou até o próximo preso se esvaziar em mim e me arrastou pelos cabelos consigo. Sentou-se e me pus para chupar. Não senti mais meu corpo, tudo parecia atordoado, tonto e formigando, e chupei por instinto para evitar o pior.

“Você é agora uma puta muito boa, bebê. Você quer chupar-me a sua vida inteira?”

Quis evitar tapas ou coisas piores e satisfazer a ele e fiz de sim com a cabeça sem parar de chupar. Ele ficou satisfeito com a minha resposta e disse: “Muito bem, é uma menina boa. Se você se comportar bem, pode virar a

minha puta, trabalhar para mim. Aí vou te proteger, ninguém pode te machucar, bebê, porque sou um homem respeitado. Você quer ser a minha puta?”
Pensei que seria de qualquer forma melhor ser a puta de um homem poderoso do que a puta e escrava de todos como uma merda sem dono e fiz de novo de sim.
“Mas eu aceito só putas, que me amam de coração e me obedecem em tudo. Você me ama, puta?”
Fiz de novo de sim sem parar de chupar.
“De coração? Com tudo? Quer ser minha escrava e puta fiel e sempre obediente?”
Fiz de sim, e ele soltou um jarro forte fundo na minha garganta assada.
A partir desse momento minha vida mudou. Agora era uma puta oficial e os outros presos foram avisados que teriam pagar pelo uso de mim. Os preços na prisão são bem “sociais”, 50 centavos por normal, 20 centavos por boquete e R$ 1 por tudo incluindo anal. Quem não teve nada, teria que negociar com meu dono, e eles sempre acharam um caminho, mas os outros deitaram a moeda ao lado de minha cabeça ou nos meus peitos e

duas ou três vezes por dia tive que entregar a grana ao meu dono.
Mais tarde, durante o banho do sol dos outros, me levaram para aquele agente.
Chupei em submissão total e depois pedi humildemente, de joelhos, para me mandar para uma cela feminina ou solitária. Ele me lembrou da promessa dele que receberia uma cela sozinha se chuparia a todos os agentes. Respondi que não me deram uma oportunidade. Ele disse:
“O que você quer dizer com isso? Não os encontrou?”
“Encontrei, mas não sabiam que eu iria chupá-los.”
“Não se faça de boba. Puta nenhuma arranja emprego se ela não se oferece. Você não é puta? Ou quer que a gente te ensine?”
“Pensei que o senhor avisaria aos outros…”
“Então você acha que sou cafetão? Por acaso eu, um agente de polícia com família e tudo, vou fazer o trabalho sujo para uma puta nojenta como você? E mesmo se eu fosse seu cafetão: você me pagaria com que? Se vira, puta, ou pede ajuda ao seu cafetão ou seus

amigos entre os presos. Puta que não sabe se oferecer vale uma merda.”

Por mais que fiquei já suja e humilhada não sabia como poderia simplesmente falar aos agentes que queria chupá-los. Fiquei num desespero, mas quando eles me buscaram, o agente superior disse: “Levam essa puta suja. E…, ela quer pedir algo a vocês.”

Assim não pôde fugir, porque logo eles me inquiriram. Assim falei francamente, que queria agradecer a eles e me oferecer para chupá-los todos.

Os homens ficaram felizes, e as duas agentes femininas fizeram comentários como:

“Nossa, que puta nojenta.”

“Pensei já que ela sofresse lá nas celas, mas eles têm razão, ela é mesmo uma puta.”

“Ela não quer uma vida diferente.”

Depois me levaram a outra cela, mas de novo uma com homens. Não adiantou gritar, nem pedir, nem chorar, me forçaram lá dentro. Os presos, totalmente famintos de carne feminina, foram evidentemente informados sobre as condições, porque eles me deram moedas. Fui estuprada duzentas vezes nas

próximas 20 horas, e depois chegaram dois agentes dizendo:
"Falaram-me que você fez um pedido para voltar a sua cela?"
Levaram-me de volta para a cela do negão e entreguei o dinheiro. Ele ficou feliz e me ofereceu seu pau para mamar e me acariciou na nuca. Lágrimas corriam sem querer sobre minhas faces, nem sabia por quê.
Ele me perguntou de novo, se estava gostando ser a sua puta, se amaria a ele, se amaria transar para ganhar dinheiro para ele, se queria ficar sempre submissa em tudo e coisas parecidas e fiz sempre de sim, sem parar de mamar.
Ele disse: "Todos os outros rapazes, quando eles transam com você, te alugaram por um tempo. Eu estou transferindo seu corpo e todos os direitos pelo tempo do aluguel a eles. O cliente fica em meu lugar. Ele me substitui. Ele é, então, eu. Ele é como se fosse eu. Você como puta deve amar a ele assim como você ama a mim. Imagina que ele fosse eu e o ama, seja calorenta e apaixonada, honra-o e se submete em tudo a ele. Entendeu, puta?"

Fiz de sim e ele se esvaziou na minha boca e garganta.

Não fui chamada pelos agentes, imaginei que era fim da semana ou o agente superior estava de folga por outras razões. Por isso fiquei até a outra manhã servindo na cela de meu dono, e depois ele me mandou dizer aos agentes que eu queria ficar até a outra manhã na cela 28.

Obedeci e os agentes, entre eles uma mulher, riram e me levaram para uma cela com 35 homens de todas as raças e idades, que caíram totalmente sedentos em cima de mim. Fiz de tudo para atender com amor e paixão, mas era difícil porque nem senti mais meus membros e fiquei muitas vezes imobilizada em baixo de dois, três ou até quatro homens sem margem de atuação própria. Comecei a dormir sucumbindo ao cansaço incrível, e eles continuaram transando, estuprando e fazendo de tudo comigo. Quando me levaram de volta entreguei o dinheiro, recebi leitinho de meu dono, agradeci, e depois atendi aos homens desta cela, que nesse meio tempo já ficaram novamente muito excitados, sobretudo porque ouviram o tempo todos os

gemidos e outros ruídos da outra cela, que estava de posse de mim.
Quando fui levada outra vez para o agente superior, me ajoelhei com toda a submissão e dedicação e chupei com tudo e depois pedi de novo para ter misericórdia de mim. Ele disse que já estipulou as condições e agora seria a minha vez de cumpri-las. Disse:
“Mas já chupei.”
“Mas não chupou a todos.”
“Mas a todos que estavam presentes.”
“Não, sua puta, não me vem com mentirinhas.”
“Mas é verdade.”
“Você não chupou as mulheres.”
“Mas… nem sei se elas queriam. Acho que não querem.”
“Bom, isso é seu problema. Eu te fiz uma oferta generosa. Como você consegue, é sua coisa. Se vire. Mas ao que saiba nem se ofereceu ainda a elas para esse serviço.”
“Mas não consegue me oferecer a mulheres. O senhor não poderia…”
“Seu problema. Se vire.”
Com isso me mandou embora. Os agentes perguntaram logo: “Quer chupar, putinha?”

Não sabia se deveria chupar todos os dias, mas de qualquer forma seria mais agradável chupar os agentes do que atender aos presos. Por isso disse que sim, enfocou as mulheres e repeti: “Sim, quero chupar a vocês todos e todas.”

Mas talvez não ouvissem direitinho, pelo menos chupei os homens, (as mulheres até sumiram) e eles me levaram de volta para mais uma cela diferente, onde fui estuprada em massa sem dó e sem parar. Quando entreguei o dinheiro ao meu dono e o chupei, ele me acariciou a cabeça e disse: “Você é agora minha puta para sempre, né, bebê?”

Fiz de sim e ele disse: “Você vai trabalhar lá fora para mim. Você é uma puta boa e vai ganhar muito para mim. Você quer, puta?”

Fiz de sim e ele disse: “Você vai ver.”

Depois ele me entregou aos outros, e algumas horas mais tarde ele saiu, porque recebeu visita de seu advogado. Quando revi o agente e implorei por misericórdia, ele insistiu que seria minha tarefa de me oferecer às agentes mulheres.

“Mas se elas não querem?” falei com desespero.

“Azar seu. Então nunca ganharia uma cela sozinha.”

Depois falei abertamente para as agentes que queria chupá-las também, mas elas não aceitaram. Os homens, no entanto, gostaram dessa idéia e gritaram e pressionaram até elas cederem. Chupei os homens e depois as duas mulheres sob o aplauso de todos, e depois mais homens, que chegaram depois. Também chegou mais uma mulher bem jovem. Ela assistiu ao show, mas se recusou, por mais que implorei a ela para poder chupá-la também. Os outros choraram de rir, vendo-me de joelhos pedindo para chupar essa agente.

Desta vez me levaram para a primeira cela, onde fiquei os primeiros dias, antes de chegar à cela do negão. Os homens vibravam em me rever, mas foram muito rudes e cruéis, como se eu tivesse traído a eles ou feito outro crime ou ofensa a eles.

No outro dia levei o dinheiro ao meu dono, e quando o chupei ele me perguntou de novo se queria ser a sua puta e se o amaria e coisas semelhantes, e fiz sempre de sim. Aí ele me

disse que teria essa oportunidade de provar meu amor antes de eu pensar.
Mais tarde os agentes me levaram, mas não consegui chupar a agente jovem e bonita, por mais que pedi. Por isso não ganhei uma cela solitária, mas fui levada para uma cela, onde nunca estive antes, com 27 homens de todo tipo, todos já me comendo com os olhos, quando me aproximei. Fui acompanhada pela agente jovem e bonita e por outra agente. Elas disseram:
"Falaram que você gosta muito de ser puta e quer ganhar um dinheirinho aqui dentro. Por isso pediram para te levar a essa sala. Você quer mesmo entrar e ser a puta para eles?"
Olhei para os homens, que logo começaram a exclamar "ela quer, ela quer, ela quer ser nossa puta", olhei para as agentes, que me contemplavam sorrindo, mas cheias de desdém e ironia, olhei de novo para os homens, pensei em meu dono e disse "Sim".
20 horas depois fiquei ajoelhada na frente de meu dono, e ele me deu carinho e leitinho, quando ouvi vozes diferentes do corredor. Meu dono disse: "Se eles te perguntam, fala

que os policiais te obrigam para estar em celas de homens.”
Teve uma discussão e finalmente apareceram cinco pessoas de paisana, falando que seriam da comissão dos direitos humanos, ao que entendi. Falaram que queriam falar com uma mulher, e adicionavam meu nome. Teria sido fácil para os presos de me impedir a responder, mas meu dono me deu um sinal para eu ir ao encontro deles. Vesti uma cueca emprestada e uma toalha enrolada ao redor de meus peitos, que os presos me deram na pressa antes da delegação aparecer na frente das grades.
Perguntaram por que eu estava nessa cela masculina. Não queria contar como mordi o agente nem como os presos me exploravam, com medo de retaliações, é falei que também não saberia. Um deles anotou minha resposta, perguntou mais coisas que nem lembro e já eles foram embora. Devolvi a toalha e a cueca e já os estupros continuaram normalmente, como se tivesse acontecido nada, mas meia hora depois apareceram seis agentes e me levaram para uma solitária e me mandaram tomar banho. Tomei banho, me

deitei e logo dormi como uma pedra até que alguém me sacudiu fortemente.
Recebi uma cueca e uma toalha e fui levada a uma sala onde sentou uma mulher de paisana com dois agentes. Ela falou que conseguiu a minha liberação imediata. Só teria que esperar o despacho de alguns documentos. Perguntou se eu queria ainda almoçar antes de sair, mas não senti fome. Perguntou se eu teria um endereço para onde ir, mas um agente antecipou: “Uma prima dela já ligou e vai buscá-la.”
“Qual prima?” Não imaginei de prima nenhuma que iria me buscar. Mas a mulher disse: “Que bom, então desejo boa sorte para você. Se você precisar, aqui é meu cartão.”
Ela me deu um cartão onde li algo de direitos humanos, e estendi a mão já que ela a ofereceu. Desapareceu e eu voltei para a cela. Tomei banho. Não deu como imaginar que estive livre depois de tudo isso. Nem acreditei ainda.
“Livre,” cochichei. Não podia falar muito, porque a garganta era tão assada depois de que em poucos dias me enfiaram uns mil

paus na garganta, mas baixinho repeti muitas vezes essa palavra incrível.
Trouxeram-me um almoço, escova de dentes e sabão, mas não comi, pensando que já há pouco poderia comer na casa da minha avó, que sempre me tratou bem, ou de uma tia. Minha mãe iria ver só depois, porque ela poderia ser brava comigo. Não sabia, mas afinal de contas ela nem me visitou na prisão.
Escovei os dentes e tomei mais um banho, e mesmo assim me senti tão suja.
Depois fui levada a um lugar com mochilas, malas e roupas, muitas jogadas ou tiradas para fora das malas. Talvez fossem dos presos, e os agentes abriram-nas como quiseram. Pediram para eu devolver a toalha e a cueca e jogaram-nas em uma mala semi-aberta e buscaram em um cantinho um vestido. Ficou muito curto e apertadinho, mas vesti-o. Depois buscaram chinelos e me deram um par que servia para meus pés pequenos. Não me deram uma calcinha e me levaram logo embora. Passei o consultório médico, onde encontrei o mesmo médico de antes junto com uma mulher em branca, outra médica, assistente ou enfermeira, não sei.

Esta mulher olhou para o médico e perguntou:
“Ela é a puta que quem você me falou?”
Ele fez de sim e disse bom dia para mim e perguntou se eu estaria feliz por ser livre. Falei de sim e ele perguntou sobre doenças e se fiquei ferida na prisão. Falei de não e ele me mediu, pesou e depois pediu para tirar o vestido. Disse para eu me curvar e investigou meu cuzinho em frente de todos, comentando com a médica sobre os sinais que mostram que sou uma prostituta e certamente nem parei com meu vício na prisão. “Essa laia de menina acha sempre machos para esse fim. Vira para frente, e deita aqui, filha.”
O médico abriu a minha xaninha e comentou e a médica fez anotações em um livro. O médico pediu para eu abrir a xaninha com as mãos e enfiou uma varinha fina.
“Você é mesmo prostituta?” a médica perguntou.
Olhei ao redor e pensei o que aconteceria se eu assim, com a xaninha aberta, falasse de não. Olhei e disse “sim”.
“E você gosta de sua profissão?” ela falou e parecia meio assustada.

Olhei de novo e disse com certa raiva pelas perguntas e pela investigação: “Sim.”
Ela anotou algo e o médico mergulhou a varinha em diversas provetas para observar a reação. O tempo todo fiquei segurando a minha xaninha, e finalmente ele voltou e enfiou mais uma vez a varinha.
A médica ou enfermeira me olhou, e reparei que ela era jovem e bonita. O médico passou uma varinha para ela e se sentou para analisar os testes dele. A médica pediu para eu ficar de joelhos, curvar a cabeça para baixo e abrir a bunda e o cuzinho com as duas mãos. Senti como todos me viram como puta e abri a bunda com raiva, fortemente, pensando que logo, logo estaria livre de todo isso.
Ela enfiou a varinha lentamente, virou-a e pediu: “Abre um pouco mais, por favor.”
Fiz com mais força ainda que quase tremesse de raiva e esforço, e ela retirou a varinha e se sentou para fazer a análise. Finalmente o médico se levantou e disse que me poderia levantar e vestir.
Os agentes me levaram até a saída da prisão, abriram as algemas e me empurraram para

frente. Ouvi alguém falar de longe: “Aí vem a puta do Negão.”

Logo depois vi três negros fortes e altos e uma mulher jovem, bonita e mais clara, de minissaia e salto alto como prostitutas boas. Não conhecia a ninguém deles. Os agentes perguntaram quem seria a minha prima, e a mulher foi ao encontro deles. Eles pediram para segui-los para assinar e quando ela voltou me levaram a um carro. A prostituta sentou ao lado do motorista e eu no fundo entre os dois negros, e mal que saímos da área da prisão eles puxaram o meu vestido para cima e suas mãos se apoderaram de meus peitos e começaram seu trabalho de toupeira entre as minhas pernas. Guinchei alto e gemi baixo e comecei a me torcer, mas não adiantou e já comecei a molhar as mãos deles. Quando chegamos ao puteiro, fiquei já tão molhada que o molho me corri pelas coxas, e sem tomar um banho tive que receber logo os primeiros clientes.

Livros e contos de Petala Parreira:
Leia mais sobre e de Petala Parreira e conheça todas as suas qualidades e segredos:

http://pornoevangelico.wordpress.com
e http://portuguesparaputas.wordpress.com
e http://petalaparreira.blogspot.com

Pétala, a puta mais submissa e gostosa do ES:
http://petalaparreira.webnode.com/

Piranhas para Jesus:
Hookers for Jesus em Wikipédia, a enciclopédia livre

Sinta se sempre convidado!

